

Economia agrícola da região de *Olisipo*

O exemplo do lagar de azeite da *villa* romana de Freiria

Guilherme Cardoso *Associação Cultural de Cascais*
José d'Encarnação *Universidade de Coimbra*

ENQUADRAMENTO ESPACIAL.

Como foi feita, na região ocidental do *ager Olisiponensis*, a divisão da propriedade? Partimos, para a elaboração da nossa proposta de trabalho, das seguintes premissas:

- O carácter acidentado do terreno condicionou uma divisão rigorosa.
 - O mar, devido aos seus «humores maléficos» (de que fala Columela), e a serra, devido à presença dos animais ferozes e ao seu carácter sagrado desde longa data, condicionaram a divisão apenas à parte intermédia.
 - Uma orientação de acordo com a do *cardo* e do *decumanus* de *Olisipo* parece plausível, a partir da zona da actual Sé.
 - A fertilidade dos solos actual não pode, sem mais, considerar-se condicionante fundamental para a implantação duma *villa*, porque os solos agricultados então seriam preferentemente - como aconteceu até ainda há bem pouco tempo nesta região - os das agora chamadas classes C e D; de resto, tivemos ensejo de ver que o cereal de outrora não apresentava as mesmas características dos da actualidade, fruto de enriquecimentos progressivos, mormente nas últimas décadas.
 - Acentua-se a verificação de que as *villae* se implantam em locais já ocupados antes, nomeadamente na Idade do Ferro, em que os vectores fundamentais serão a salubridade, a abundância de água e a posição estratégica.
- Propomos, portanto, uma divisão em parcelas quadradas de 1.420 metros de lado,

¹ Bibliografia J. DE ALARCÃO, «A tecnologia agrária romana», em A. MOUTINHO ALARCÃO (coordenação), *Portugal Romano. A Exploração dos Recursos Naturais*. Lisboa, 1997, p. 137-148, J. BRUN, «Production de l'huile et du vin en Lusitanie romaine», *Comimbriga*, 36, 1997, p. 45-72, A. CARANDINI, *Schiavi in Italia (Gli strumenti pensanti dei Romani fra tarda Repubblica e medio Impero)*. Roma, 1988, G. CARDOSO e J. D'ENCARNAÇÃO, «A villa romana de Freiria e seu enquadramento rural», *Revista de Arqueologia*, 2, 1995, p. 51-62, G. CARDOSO, J. P. CABRAL, J. D'ENCARNAÇÃO e S. RODRIGUES, «Alguns tipos de ânforas identificados no concelho de Cascais», em *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa, 1996, p. 193-197, J. R. MONJARDINO, «Impressões de cereais num fragmento de tijolo encontrado na villa romana de Clérigo (Cascais)», *Revista de Arqueologia*, 3, 1997, p. 53-54.

ou seja, com uma superfície aproximada de 800 jeiras, o que equivale ao habitualmente admitido. Confirmam esta hipótese:

- O alinhamento das *villae* e casais já identificados;
- A circunstância de - com excepção de Freiria e Outeiro (este sítio é, muito provavelmente, a residência do *vilius* de Freiria) - haver uma villa em cada divisão;
- O traçado das vias antigas da região, designadamente a grande carreira de Oeiras a Sintra, que decalcaria as vias romanas.

A VILLA ROMANA DE FREIRIA.

Situa-se a *villa* numa vertente soalheira, junto a abundante e perene linha de água. Dispõe de uma entrada principal, a sul, ladeada de dois bebedouros para os animais, a documentar a actividade pecuária. As termas sul, de traçado algo ambicioso, talvez nunca tenham sido, por isso, ultimadas e foram sofrendo alterações circunstanciais ao longo dos tempos. O achamento, no seu interior, de uma *mola manuaris* pode ser indício, inclusive, de que, em dado momento, poderão ter sido local de moagem. Do celeiro, coberto de colmo, como era norma, restam-nos os alicerces, mui regulares e bem travejados, a garantir óptimo arejamento do solo, isento assim de humidades nocivas. O crescimento da produção, própria e alheia, determinou o seu aumento, para que se pudesse usufruir também de adequada área para controlo da entrada e saída do cereal. É talvez valha a pena debruçarmo-nos um pouco mais neste importante documento, que temos completo, porque, a partir dele, talvez se possam avançar hipóteses de produção cerealífera. Assim, aos 63,8 metros quadrados iniciais acrescentaram-se 38,55. De acordo com os dados tradicionais disponíveis¹, desse espaço apenas 60,5% seria utilizável: 37% para armazenagem e 23,5% para as operações de controlo. Sabemos, por outro lado, que, num celeiro, a ocupação de 120 metros cúbicos corresponde a 92,5 toneladas de trigo ou a 70 toneladas de cevada. Se tivermos em consideração que um hectare de terreno cultivado de cevada produz, em média, 533 quilogramas, precisaríamos, para isso, de 130 hectares; no caso do trigo, cuja produção ronda, em média, os 500 quilogramas por hectare, necessitaríamos de 185 hectares.

Convém não esquecer, todavia, que, muito provavelmente, se praticava o afolhamento trienal e que, além do trigo e da cevada, era forçoso cultivar leguminosas (fava, ervilha e tremçoço, por exemplo), não só para alimentação dos gados como também para enriquecimento dos solos. Estes cálculos apontam, portanto, para uma produção que não pode ser simplesmente atribuída ao domínio da *villa* de Freiria, por maior que o consideremos. Freiria poderá, pois, assumir-se, como um pólo a que poderiam acorrer outros produtores menores das redondezas.

O LAGAR DA VILLA.

Idêntico raciocínio se poderá fazer para o lagar, cujas dimensões se nos afiguram também demasiado grandes para uma produção exclusivamente privada. Melhor

¹ P. BÉLO, *Armazenagem e Conservação de Cereais e Farinhas*, (Biblioteca Rural, 9), Lisboa, 1945

do que uma descrição das suas partes constituintes, já sobejamente conhecidas (porque o esquema construtivo adoptado em Freiria é, na verdade, o tradicional), as imagens que apresentamos darão uma ideia do conjunto posto a descoberto: o peso *in loco*, a zona da prensa; os tanques para recolha; o bloco que poderia segurar o *prelum* (que, atendendo ao comprimento, deveria pesar três a quatro toneladas); a zona onde se procederia ao primeiro esmagamento da azeitona; os locais para armazenagem; as duas paredes, a norte, para reforçar a protecção dos ventos (que desse quadrante sopram rijos na região) e manter, assim, uma temperatura conveniente... Para nascente, compartimentos que interpretamos, de momento, como sendo de estábulos; para sul, escavadas no pavimento rochoso natural, fossas para nitreiras...

O achamento de um tesouro —em vias de publicação por Guilherme Cardoso n' *O Arqueólogo Português*, cuja ocultação deve ter ocorrido nos finais do século IV, princípios do século V— mostra que o sítio, quiçá também lugar de mercancia em dado tempo, foi então abandonado. Após esse abandono, serviu de local de enterramentos: ascendem a quase uma dezena o número de esqueletos de recém-nascidos que aí encontrámos, além da inumação de um jovem num dos tanques. As marcas do arado nas pedras superiores demonstram, por outro lado, que a agricultura aí se terá começado a fazer assim que a espessura de solo arável se mostrou suficiente. De qualquer modo, o sítio teve, seguramente, continuidade de ocupação até à época árabe (séculos VIII e IX).

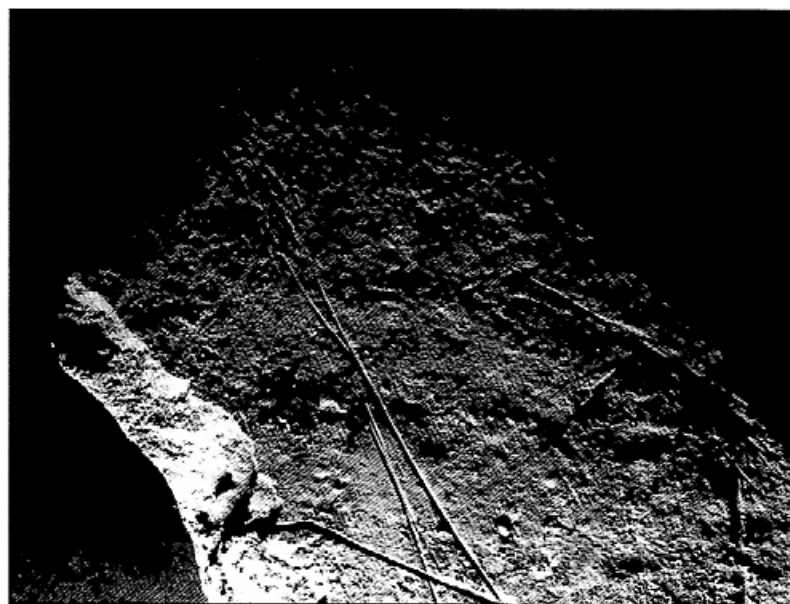


FIG. 1 — Tijolo, da *villa* romana do Cérigo, com marcas de espigas de cereal impressas

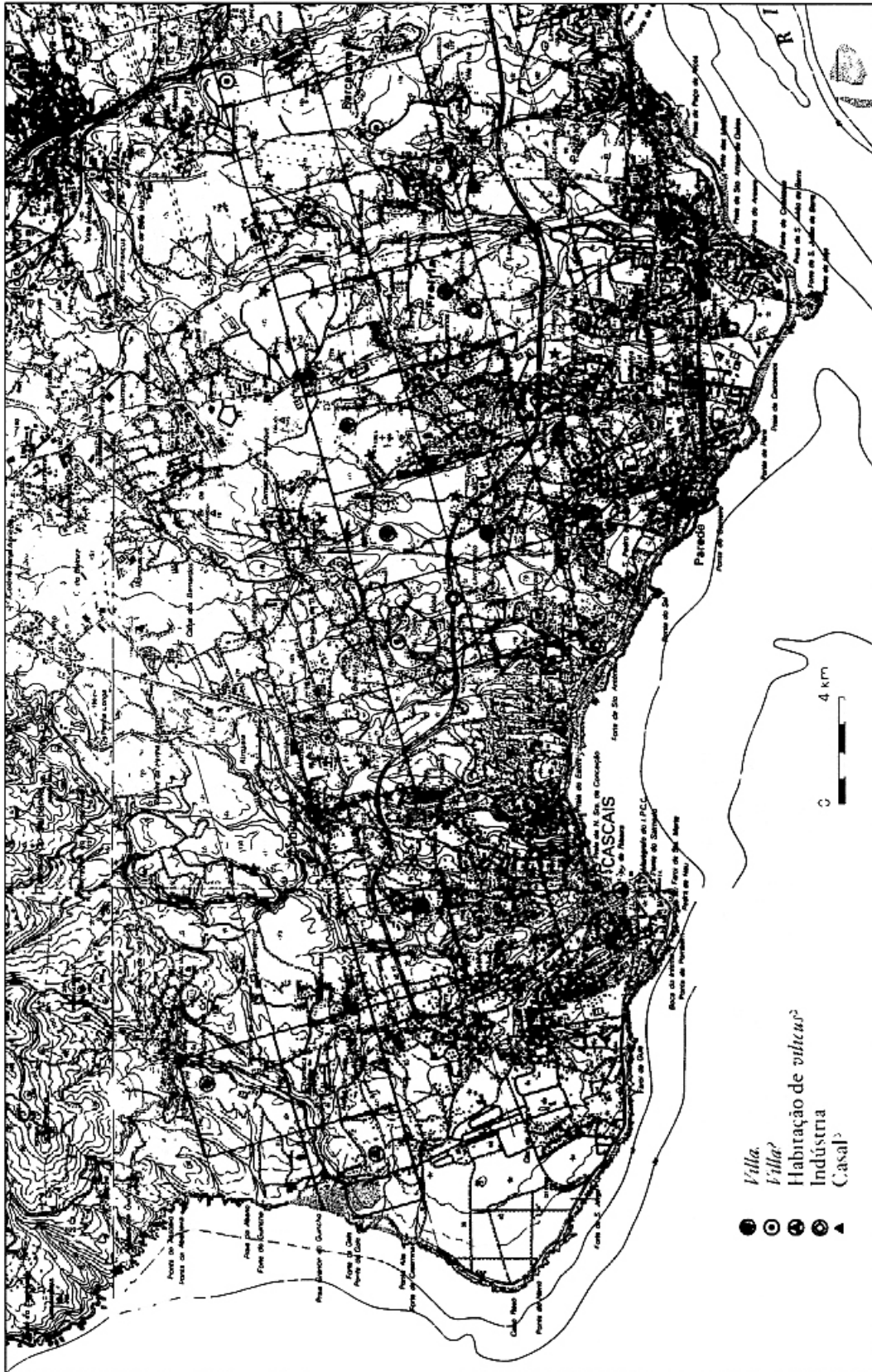


FIG. 2 — Mapa da região oeste de Lisboa, onde se indica a proposta de divisão cadastral romana com base nas 800 jeiras

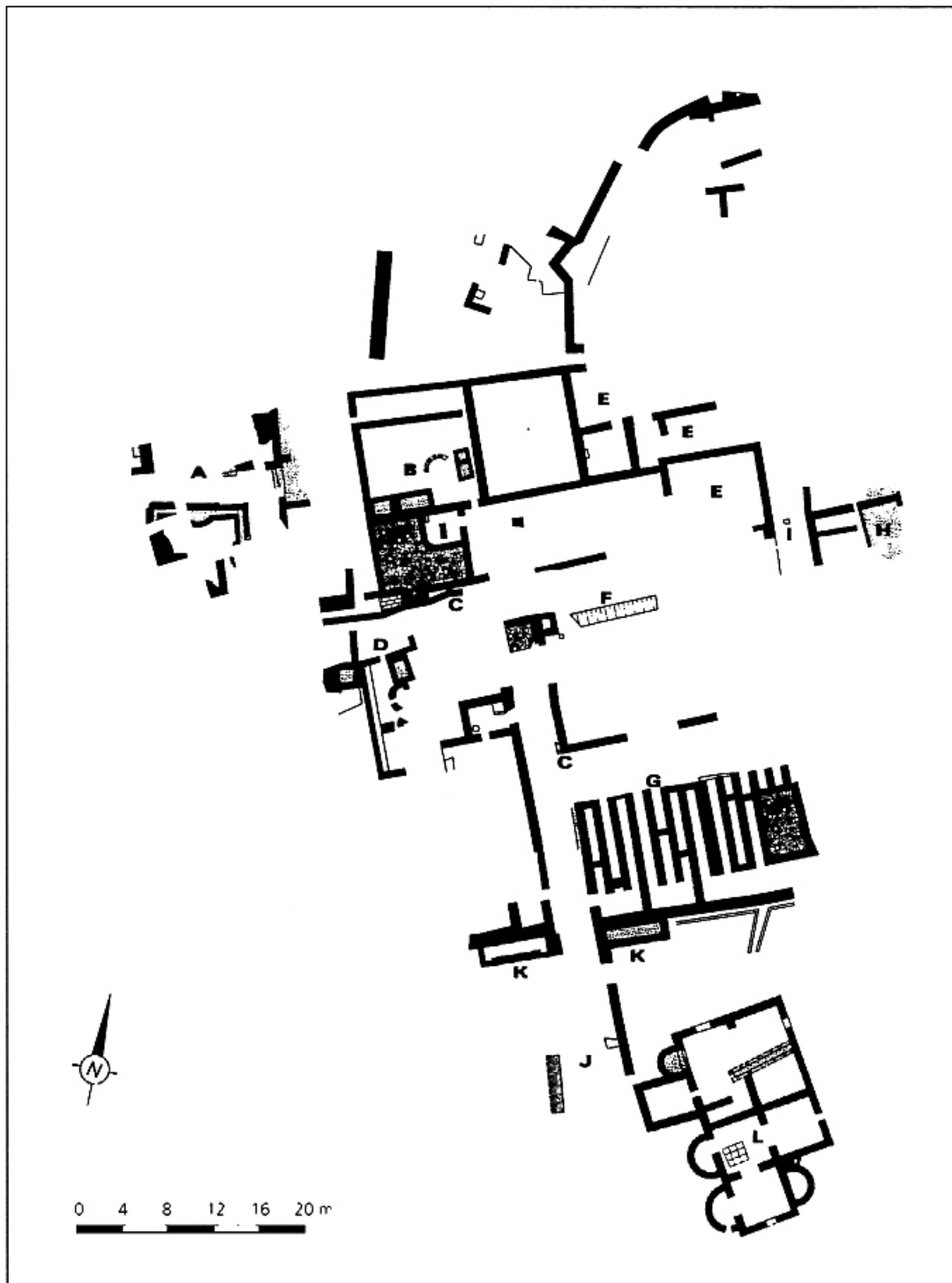


FIG 3 — Planta geral da *villa* de Freiria.

A - *pars urbana*; B - lagar; C - aqueduto; D - termas norte; E - armazém; F - nitreira; G - celeiro; H - *pars rustica*; I - entrada norte da *villa*; J - entrada sul da *villa*; K - bebedouro; L - termas sul

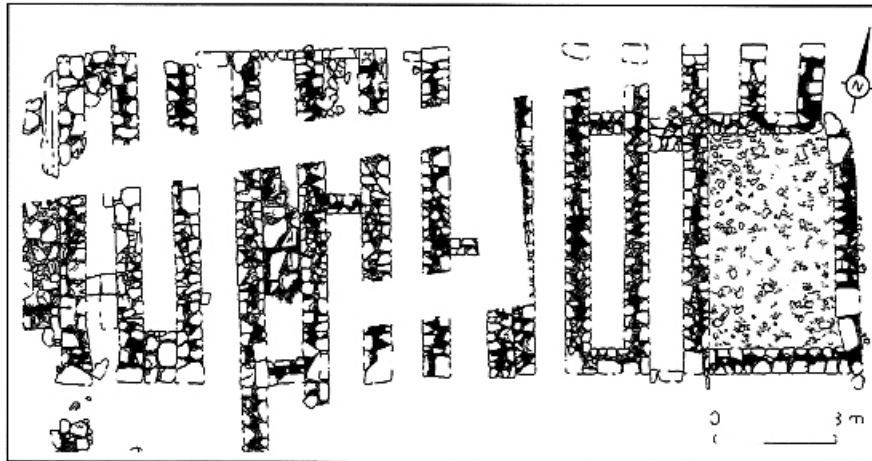


FIG. 4 - Planta do celeiro A - primeira fase, B - segunda fase. Desenho de Severino Rodrigues



FIG. 5 - Foto de uma das paredes da primeira fase do celeiro



FIG. 6 - Foto de uma das paredes da segunda fase do celeiro

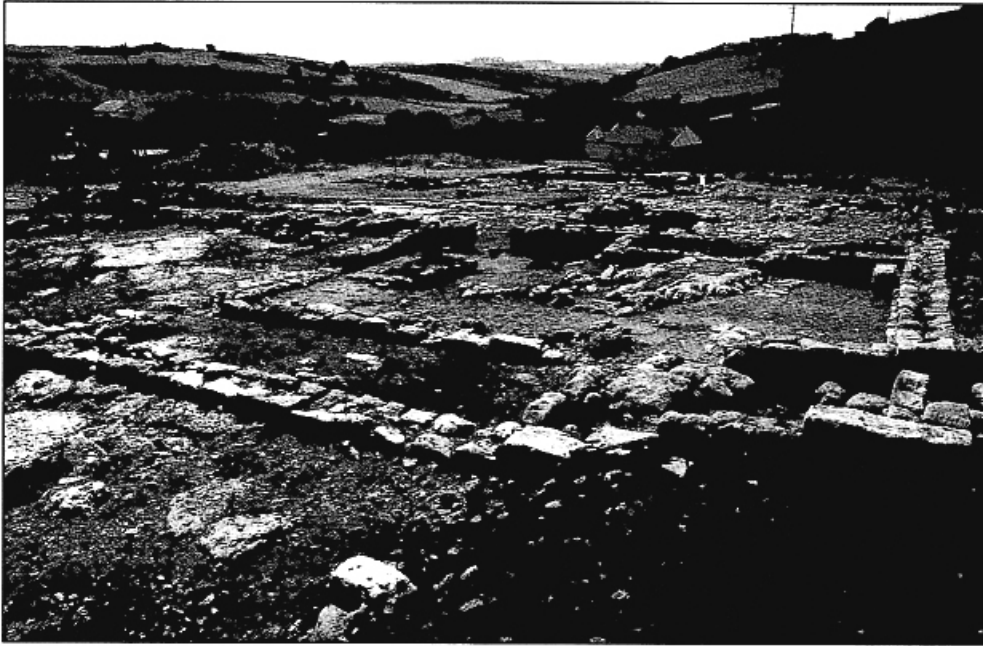


FIG. 7 -- Panorâmica do lagar.



FIG. 8 -- Peso do lagar *in situ*.

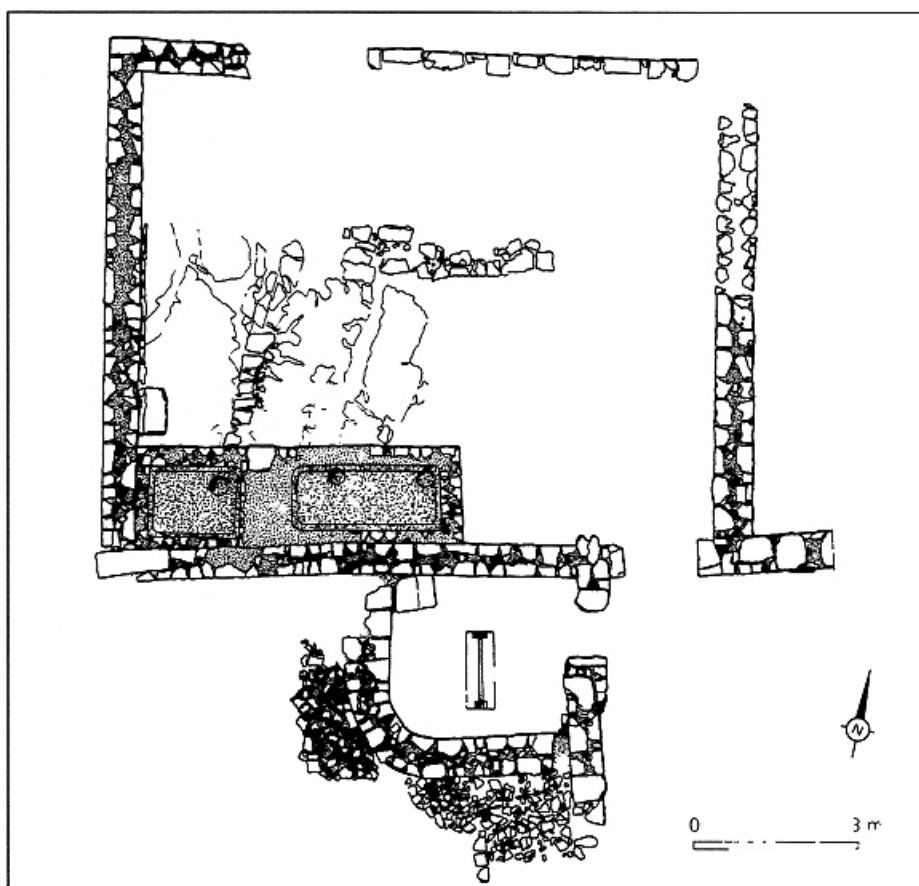


FIG. 9 — Planta do lagar (Desenho de Severno Rodrigues)

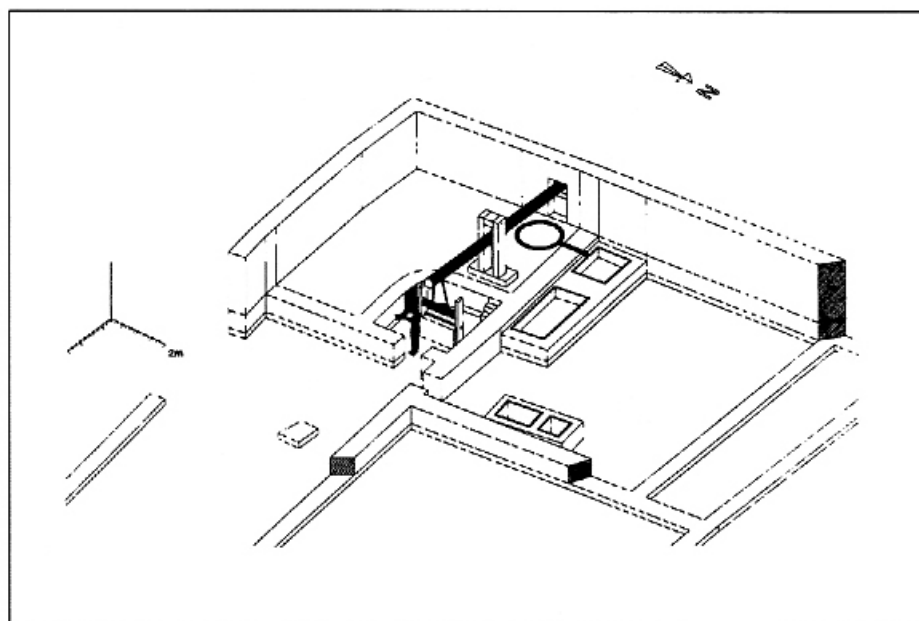


FIG. 10 — Reconstituição do lagar (Desenho de Severno Rodrigues)



FIG. 11 — Foto da nitreira



FIG. 12 — Foto de um esqueleto, de jovem, que foi sepultado no interior do tanque 2, do lagar



FIG. 13 — Foto da cobertura de telha de uma sepultura de bebé, lagar



FIG. 14 — Fotoplano de Freiria (1996)



FIG. 15 Panorâmica de Freiria tirada de sul